

ENTRE LIBERDADE E MATERNIDADE: A REPRESENTAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS EM A FILHA ÚNICA, DE GUADALUPE NETTEL

Between Freedom and Motherhood: The Representation of Female Bodies in 'A Filha Única'
by Guadalupe Nettel

Carolina de Fátima GUIMARÃES
Universidade Federal de Catalão
carolina_guimaraes@ufcat.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-5831-3005>

Luciana BORGES
Universidade Federal de Catalão
borgeslucianab@ufcat.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-0018-2425>

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar o romance *A Filha Única* (2022), da renomada escritora mexicana Guadalupe Nettel, tendo em vista suas temáticas centrais: a decisão sobre ter (ou não ter) filhos e os modos de ser mãe em uma estrutura patriarcal. O texto é analisado sob a hipótese de que, em seu enredo, há uma intrínseca relação entre a liberdade das mulheres e a decisão sobre a vida reprodutiva e a vivência da maternidade. A análise tem como base a tipologia dos corpos femininos proposta por Elódia Xavier (2021), sobretudo a categoria “corpo liberado”, presente nas produções literárias contemporâneas. A partir do estudo realizado, é possível destacar a relevância da literatura como reflexo e agente das mudanças culturais, ampliando a compreensão sobre a representação das mulheres nos atuais escritos de autoria feminina.

PALAVRAS-CHAVE: liberdade das mulheres; corpo liberado; Guadalupe Nettel; literatura de autoria feminina.

ABSTRACT: This study aims to analyze the novel '*A Filha Única*' (2022) by the renowned Mexican author Guadalupe Nettel, considering its central themes: the decision to have (or not have) children and how to become a mother in a patriarchal structure. The selected text is analyzed under the hypothesis that, in its plot, there is an intrinsic relationship between women's freedom and the decision regarding reproductive life and the experience of motherhood. The analysis is based on Elódia Xavier's (2021) typology of female bodies, particularly the idea of "free body" present in contemporary literary works. Through this study, the significance of literature as a reflection and agent of cultural changes is emphasized, enhancing the understanding of the representation of women in current writings by female authors.

KEYWORDS: women's freedom; free body; Guadalupe Nettel; women's authorship.

INTRODUÇÃO

“*Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração! [...]*
Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!”
(Coelho Neto)¹

A anatomia como destino: durante muitos séculos, a existência das mulheres, bem como seus propósitos, foi guiada pelo fato que corpos genitalmente femininos estão aptos a gerar vidas. Desse modo, certo destino anatômico previamente traçado estabeleceu-se, em contexto patriarcal, como sendo o único possível para as mulheres, biologicamente vocacionadas para a maternidade. As consequências dessa equação foram várias ao longo do tempo e apenas mais recentemente, a função materna tem sido tensionada como uma construção e não como algo do instinto das mulheres, por meio do qual elas estariam propensas, inclusive, a “padecer num paraíso”. A imagem gerada pelo poema em epígrafe ressalta a substituição automática que é feita da *mulher* pela figura da *mãe*, a partir do momento em que esta, justamente por ser mãe, anularia sua trajetória como mulher para ser exclusivamente dedicada ao cuidado, incluindo nesse processo um componente de sofrimento, inevitável, mas desejado e suportado com um sorriso.

É considerando esse imaginário sobre a maternidade e suas complexidades que o presente artigo se propõe a analisar o romance *A Filha Única* (2022), da escritora mexicana Guadalupe Nettel. A obra é uma emocionante narrativa sobre uma decisão importante para os sujeitos, especialmente se esse sujeito for mulher: ter ou não ter filhos. Nettel também aborda, de forma muito perspicaz, a maternidade, versando sobre as dúvidas, incertezas, alegrias, tristezas, conflitos inerentes ao processo. A partir dessas duas temáticas, o romance é capaz de nos fazer refletir sobre as diferentes possibilidades de escolha ao longo da vida das mulheres. As personagens Laura, Alina e Doris decidem caminhos distintos quanto à perspectiva da construção de uma família: Laura realiza, de maneira abrupta, uma cirurgia esterilizadora; Alina, depois de anos, muda seu posicionamento e decide ser mãe; e Doris, mãe de um adolescente, resolve morar longe do filho por um tempo, enviando-o para a casa de familiares.

¹Trecho do poema “Ser mãe”, do poeta parnasiano Coelho Neto. Muito popular no Brasil, esse poema teve seu último verso circulando de forma independente do texto e, durante muito tempo foi declamado em cerimônias de homenagem às mães, especialmente em instituições escolares brasileiras. Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/textos-escolhidos>

Ressalta-se que a possibilidade de optar por ter ou não filhos, quando têm-los e como vivenciar a maternidade está, sobretudo, marcada por fatores que extrapolam as preferências pessoais, como pertenças raciais e de classe, por exemplo. Mulheres brancas e dos segmentos sociais economicamente privilegiados, frequentemente conseguem realizar escolhas sobre a maternidade, porém essa não é a realidade da maioria das mulheres em situação de vulnerabilidade social, principalmente se forem pobres e negras. Em certa medida, a maternidade chega para essas mulheres como um acontecimento automático, sobre o qual nem sempre é possível fazer escolhas, ou pensar a existência em outras vias que não a maternidade. Desse modo, a realidade das personagens construídas no romance propicia que estas possam optar por uma relação mais consciente com as questões da maternidade, posto que, ao longo do romance é possível entender que as três personagens são mulheres de classe média ou alta, urbanas e brancas. Laura é uma mexicana que faz doutorado em Paris e decide voltar ao México para se dedicar a escrita da tese, passa algumas tardes tomando chás e lendo romances, vai ao cinema e já viajou para inúmeros lugares no mundo; Alina fez tratamento médico para engravidar – estava decidida a tentar concepção *in vitro* e transplante de óvulos, se fosse preciso –, faz compras em mercados orgânicos, frequenta restaurante polonês e trabalha numa galeria de artes; Doris é uma mulher magra, usa roupas esportivas e combina a cor dos esmaltes com as das batons, pode escolher onde morar devido à segurança e comodidade da localização.

Cabe destacar que essa obra de Nettel conta com temáticas que estão presentes em outras narrativas de autoria feminina contemporâneas. Tais produções apresentam personagens com posturas críticas e dispostas a questionar as normas sociais e as construções psicossexuais e socioculturais das mulheres. Esses questionamentos apontam para uma proposta de distanciar o leitor da expectativa de um modelo natural e universal, que em muitos casos, colocam as mulheres em locais desconfortáveis e não desejados por elas (Funck, 2016).

Lúcia Zolin (2012), ao analisar a construção de identidades na ficção contemporânea de autoria feminina, apontou que as narrativas escritas pelas mulheres brasileiras contam com personagens marcadas por atitudes contraideológicas e abordam histórias de mulheres silenciadas nas sociedades marcadas pela interação entre os pensamentos coloniais e os patriarcais, oferecendo uma denúncia velada que lança luz sobre as intrincadas teias de opressão. Cabe destacar que, muitas vezes, essa denúncia pode aparecer de forma direta.

Essas características das produções literárias femininas não se limitam às autoras brasileiras, podendo ser encontradas em narrativas contemporâneas oriundas de diversos

lugares do mundo, inclusive em *A Filha Única*, uma produção mexicana que faz emergir vozes femininas críticas e se aventura por estórias de mulheres como sujeito, capazes de tomar o protagonismo e decidir o rumo que desejam imprimir à própria vida. Assim, essa narrativa se revela como uma tessitura literária contemporânea, na qual a autora, ao retratar protagonistas femininas, propõe-se a desvelar não apenas as amarras que as aprisionam, mas também as asas que as libertam, explorando, desse modo, a complexa interseção entre feminino, liberdade, maternidade e não maternidade.

Desse modo, averiguou-se que *A Filha Única* aborda ricamente as contradições que fazem parte das experiências vividas pelas mulheres na atualidade, o que proporciona uma excelente oportunidade para explorar a representação do corpo feminino na literatura. Para tal investigação, utilizou-se, como referencial analítico, a tipologia das representações corporais femininas desenvolvida por Elôdia Xavier em seu livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, publicado em 2021.

Lançando mão de uma análise detalhada, Xavier (2021) evidenciou as complexidades do corpo feminino que foi sendo representado de diferentes formas ao longo dos anos em textos, contos e romances de autoras brasileiras como Júlia Lopes de Almeida, Clarice Lispector, Lya Luft, Marina Colasanti, Márcia Denser, Fernanda Young, Rachel de Queiroz, dentre outras. Ao explorar as múltiplas dimensões do corpo feminino, abordando questões como a sexualidade, o erotismo, as expectativas estéticas, a violência e outros, a autora nos apresenta onze tipos de representações corporais, que são: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado, corpo caluniado e corpo liberado.

Dentre os vários tipos de representações corporais identificados por Xavier (2021), destacamos, no presente texto, o corpo liberado que, segundo a autora, tem sido identificado em produções literárias contemporâneas, tal qual o romance de Nettel. De acordo com Xavier (2021), o corpo liberado é representado a partir de histórias de personagens mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores descobertos através de um processo de autoconhecimento. As personagens liberadas apresentam conflitos com as amarras impostas pela sociedade e pelas normas culturais e buscam romper com os padrões que limitam a expressão da identidade da mulher.

Diante desta conceituação, parte-se da ideia de que a representação das mulheres, em *A Filha Única*, se dá pela via dos corpos liberados, uma vez que as personagens tomam diferentes

decisões sobre a vida reprodutiva e sobre os caminhos trilhados durante a maternidade. Assim, subverte a perspectiva, perpetuada por anos, de que a maternidade é um destino único e natural das mulheres. A posição que a figura feminina assumiu ao longo da história, enraizada nas normas culturais e sociais que as designavam primordialmente para a maternidade, permeou as representações elaboradas a respeito das mulheres no imaginário social. Nos tempos atuais, contudo, a mulher se empenha em desembaraçar-se dessas concepções, dirigindo-se a outros âmbitos de aspiração. Esse movimento é uma parte integrante da luta pela liberdade de escolhas e de novas possibilidades de vida (Badinter, 1985).

Ao estudar a evolução dos conceitos de corpo e gênero ao longo dos séculos, Thomas Laqueur (2001) afirma que houve modificações relevantes na forma como se concebe os corpos femininos e os corpos masculinos. De acordo com o pesquisador, por volta do século XVIII, ocorreu uma mudança significativa nessa concepção que, até então, entendia os corpos femininos e masculinos ocupando posições hierárquicas determinadas a partir de um único sexo. Já a partir do século XVIII e baseado em pressupostos científicos, surge o modelo de dois sexos que busca demonstrar as diferenças “naturais” entre os corpos femininos e os masculinos, em que os femininos eram associados a metáforas negativas e patológicas.

As particularidades biológicas e anatômicas das mulheres passam a embasar construções sociais acerca do feminino. Nesse sentido, o formato do corpo, os atributos fisiológicos e endocrinológicos, bem como o sistema reprodutivo feminino, por exemplo, justificariam a função social da mulher e as suas características comportamentais, colocando-as num local de fragilidade e passividade física, intelectual e emocional. Desse modo, em razão de seus corpos, restava às mulheres uma posição inferior aos homens e subordinada aos ditames inatos de procriadora, devendo perpetuar a espécie humana via maternidade (Grosz, 2015).

Entretanto, a desmistificação do feminino possibilita perceber que o destino das mulheres não se resume apenas à maternidade, havendo outras vias possíveis e desejáveis para elas (Badinter, 2011). Diversas conquistas ao longo da história contribuíram para essa mudança de perspectiva – principalmente para as de classes sociais médias e altas –, tais como a entrada da mulher no mercado de trabalho e os progressos médicos no âmbito dos métodos contraceptivos e de reprodução assistida, a ampliação das oportunidades educacionais, os casamentos ditos “tardios” e a opção de divórcio. Essas conquistas não só facultaram às mulheres a possibilidade de escolher entre ter ou não filhos, mas também permitiram mudanças

quanto aos modos de ser mãe, pois, algumas mães, atualmente, não necessariamente se dedicam exclusivamente aos cuidados dos filhos (Chodorow, 1990).

Desse modo, entrou no leque de possibilidades a opção pela não maternidade em mulheres biologicamente com condições de procriar. Além da ideia de que a maternidade não é o único destino e papel social que a mulher pode desempenhar, outros fatores são indicados como envolvidos nessa decisão, tais como a relação entre maternidade e perda de liberdade e riscos para a carreira profissional (Smeha e Calvano, 2009) e o entendimento do impacto da maternidade na vida das mulheres (Machado e Penna, 2016). Leal e Zanello (2019) realizaram um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas feitas no continente americano sobre o não desejo da maternidade em mulheres e identificaram que o que mais se destacou foi a relação entre a não maternidade e o investimento nos estudos e em uma carreira profissional e a representação negativa da maternidade, pois a mulheres que não desejam ser mães a enxerga mais como uma privação do que como um ganho. Ainda segundo Mansur (2003), as mulheres começam a escolher a não maternidade a partir do momento em que elas passam a poder ocupar o lugar do desejo e assim, se posicionam ativamente diante das escolhas, pautando-as em suas intenções e interesses pessoais. Porém, a autora ressalta que, apesar dessa conquista, as mulheres que não desejam a maternidade enfrentam inúmeras dificuldades e são estigmatizadas negativamente, pois enfrentam e desafiam o imaginário social que coloca a maternidade como um valor pessoal e social.

Já sobre os cuidados maternos, Moura e Araújo (2004) realizaram uma análise acerca da naturalização de conceitos e práticas ligadas à maternidade e aos cuidados com as crianças, vinculando sua construção social às mudanças que atravessaram a instituição familiar. De acordo com as autoras, ao longo da história, a percepção da relação entre mãe e filho experimentou diversas variações que foram produzidas por fatores sociais, dentre os quais o discurso científico, sobretudo da medicina, e as práticas econômicas. Um exemplo desse contexto é que durante o século XVIII, o discurso médico que ganhou força indicava a necessidade de a mulher ocupar-se dos cuidados dos filhos, pois alegava-se que essa dedicação materna era a abordagem mais natural e apropriada para a atenção às crianças. O raciocínio ecoava a ideia de que as mães eram as únicas capazes de gestar e dar à luz, e essa singularidade se estendia também à capacidade de educar e zelar pelos filhos.

No contexto contemporâneo, a exclusividade da mulher quanto aos cuidados com as crianças tem sido questionada, uma vez que a primazia da determinação biológica para a

maternidade deixou de ocupar papel central. Além disso, a inserção das mulheres no mercado de trabalho tem incentivado a escolarização precoce das crianças. Apesar de as mulheres serem as principais responsáveis pelos cuidados com as crianças, outros modos de organização desses cuidados têm sido possíveis na atualidade (Chodorow, 1990; Moura e Araújo, 2004).

Nesse sentido, apontadas as nuances da liberdade das mulheres no tocante a decisão de ter ou não filhos, bem como ao modo como desenvolver a maternidade, apresenta-se as três protagonistas do romance *A Filha Única* - Laura, Alina e Doris. Cada uma adota três formas diferentes de lidar com a vida, sempre no sentido de libertarem-se do mandato social, dos esquemas predeterminados e coercitivos. Em seu desenvolvimento, as personagens constroem suas histórias próprias, característica fundamental para a representação de um corpo liberado.

LAURA, ALINA E DORIS: TRÊS MULHERES LIBERADAS, TRÊS HISTÓRIAS DIFERENTES DE MATERNIDADE

A personagem Laura, também a narradora, é uma jovem adulta que reside sozinha num apartamento no México e está imersa na redação de sua tese de doutorado. Sua vida independente e o compromisso com sua pesquisa refletem não apenas sua dedicação aos estudos, mas também sua valorização da liberdade para tomar decisões. Desde jovem, a posição de Laura reflete sua visão em relação à maternidade, isto é, ter filhos é um erro irremediável.

Optar por não ter filhos reforça a busca da personagem por liberdade e também simboliza a emancipação das mulheres contemporâneas, permitindo que trilhem seus próprios caminhos. Laura evidencia que a maternidade, nos moldes como costuma acontecer, pode resultar em sacrifícios profissionais, nas atividades pessoais e até mesmo na dinâmica dos relacionamentos, como se observa no excerto a seguir:

Durante anos, tentei convencer minhas amigas de que se reproduzir era um erro irreparável. Dizia-lhes que uma criança, por mais terna e doce que fosse em seus bons momentos, sempre representaria um limite à sua liberdade, um encargo econômico, sem falar no desgaste físico e emocional que traz consigo: nove meses de gravidez, outros seis meses ou mais de amamentação, frequentes noites sem dormir durante a infância e, então, uma angústia constante ao longo da adolescência. “Além disso, a sociedade está planejada para que sejamos nós mulheres, e não os homens, que nos encarregamos de cuidar dos filhos, e isso muitas vezes implica sacrificar a carreira, as atividades solitárias, o erotismo e às vezes o casal”, explicava-lhes com veemência. “Será que vale mesmo a pena?” (Nettel, 2022, p. 14).

O trecho acima revela a postura desafiadora de Laura diante das normas sociais estabelecidas. A personagem destaca o desequilíbrio de gênero existente na sociedade, observando que, frequentemente, as mulheres carregam o peso principal dos cuidados infantis. Essa percepção ecoa a crítica que muitas vozes feministas levantaram ao longo do tempo, que chamou a atenção para as disparidades de responsabilidades entre os gêneros no tocante à criação de filhos (Scavone, 2001).

Silvia Federici, renomada estudiosa do papel das mulheres na história e no desenvolvimento do capitalismo, oferece uma importante análise que amplia o entendimento sobre a diferença entre os papéis desempenhados por homens e por mulheres no que se refere aos cuidados dos filhos. Ao traçar a evolução das condições das mulheres ao longo do tempo, Federici (2017) destaca os acontecimentos sociais que culminaram na divisão sexual do trabalho. Essa divisão, que se perpetuou durante muito tempo e ainda está presente na atualidade, relegou as mulheres ao âmbito do trabalho doméstico, especialmente aos cuidados com a prole, em uma tentativa de assegurar a reprodução da mão de obra. Para essa divisão, normas sociais estritas emergiram, tais como a perda do direito das mulheres de realizar atividades econômicas por conta própria, a proibição da prostituição e a retirada do protagonismo das mulheres no controle da natalidade, fato que colocou a maternidade numa condição de trabalho forçado.

Ainda segundo Federici (2021), o trabalho doméstico como se conhece atualmente e ainda hoje é considerado uma vocação natural das mulheres, é, na verdade, uma estrutura recente, datada do fim do século XIX e início do século XX. Com a necessidade de mão de obra mais produtiva, a classe capitalista cria o papel da dona de casa que trabalha em tempo integral nos afazeres domésticos, e retira as mulheres, sobretudo as mães, das fábricas. O salário dos homens sofre um aumento considerável, para que eles possam garantir o sustento dos outros membros da família que não recebem mais um salário.

Frente à divisão sexual do trabalho e ciente de que, na maioria dos casos, cabe à mulher a dedicação integral de criar, educar e preparar os filhos para a vida adulta e para o trabalho, a personagem Laura sempre ressalta a importância primordial da liberdade em sua existência, deixando explícito que também não está disposta a abdicar das oportunidades de viajar, explorar lugares e vivenciar diversas experiências. A personagem relembraria que, quando mais jovem, mesmo tendo uma vida com pouco dinheiro, pode realizar inúmeras viagens, o que não seria possível, segundo ela, caso tivesse optado pela maternidade:

Desembarcar em países distintos dos quais eu não sabia muita coisa e percorrê-los por terra, a pé ou em ônibus caindo aos pedaços, descobrir sua cultura e gastronomia estava entre os prazeres deste mundo a que de forma alguma eu pensava em renunciar. [...] Morar na França, mesmo com pouco dinheiro, me dava a oportunidade de conhecer outros continentes. Quando estava em Paris, passava muitas horas lendo em bibliotecas, indo ao teatro, a bares ou boates. Nada disso é compatível com a maternidade. Mulheres com filhos não podem viver assim. Pelo menos não durante os primeiros anos de criação. Para se permitir uma simples ida ao cinema ou jantar fora é preciso planejar com antecedência, conseguir uma babá ou convencer seu marido a tomar conta dos filhos (Nettel, 2022, p. 15).

No trecho acima percebe-se que Laura retoma a questão do desequilíbrio de gênero quanto aos cuidados das crianças, pois há que se convencer os homens de se dedicarem aos filhos. Ainda sobre a questão de gênero, Laura vivencia momentos em que precisa se desdobrar para não ser julgada como amarga e egoísta por seus parceiros quando revela sua opção por não ser mãe: “[...] eu apelava na mesma hora para a superpopulação da Terra, um motivo poderoso e humanitário o bastante para que ele não me chamassem de amarga ou, pior ainda, egoísta, como eles costumam denominar aquelas de nós que decidiram se furtar ao papel histórico de nosso sexo” (Nettel, 2022, p. 15).

As nuances associadas à expressão de uma mulher liberada também aparecem de forma marcante quando se observa que a posição adotada por Laura é um enfrentamento ao papel historicamente definido para as mulheres. Ao narrar sua experiência, Laura ressalta como, em gerações anteriores, a simples falta de aspiração à maternidade era algo inimaginável, enquanto que, para sua própria geração, a ideia se tornou possível:

Ao contrário da geração de minha mãe, que achava uma aberração não ter filhos, muitas mulheres na minha geração não procriaram. Minhas amigas, por exemplo, poderiam ser divididas em dois grupos igualmente grandes: aquelas que pensavam em abdicar de sua liberdade e se imolar em prol da conservação da espécie e aquelas que estavam dispostas a assumir o opróbrio social e familiar para preservar sua autonomia (Nettel, 2022, p. 16).

De acordo com Brasil e Costa (2018), a compreensão de que o feminino é uma construção social permitiu que se contestasse a noção inatista que atribuía às mulheres o papel social predefinido de mães. Simone de Beauvoir (2009) contribuiu para a contestação da obrigatoriedade da maternidade quando apresentou questionamentos sobre a liberdade sexual das mulheres e reivindicou a autonomia feminina sobre o próprio corpo.

Embora a autonomia das mulheres sobre seus corpos seja uma ideia mais presente nos dias atuais, a decisão de não ter filhos é comumente julgada de maneira negativa por parte da

sociedade. A personagem Laura retrata essa questão ao dizer que as mulheres que não seguem o caminho da maternidade devem assumir a desonra familiar e o descrédito social.

A maternidade, muitas vezes, é percebida e enraizada na sociedade como um elemento central que confere sentido à existência das mulheres. Mais ainda, é o desejo de ser mãe que confere às mulheres o lugar de seres bons, com virtudes e qualidades. Essa concepção, embasada em construções sociais e culturais, estabelece que a realização feminina está intrinsecamente ligada à capacidade de procriação e ao papel de cuidadora, há uma narrativa que sugere que a maternidade é a culminância da feminilidade e o propósito primordial da vida das mulheres. Tânia Swain (2007), disposta a analisar os discursos e a rede de significações daquilo que está dado na sociedade, afirma que a maternidade é o resultado de significações sociais que transforma um fato da “natureza” em algo que se estende a todos os seres humanos, criando uma ideia de essência do feminino.

Swain (2007) acrescenta ainda que os discursos, ancorados no biológico, criam o corpo feminino enquanto um corpo materno e, portanto, a representação da mulher se associa à “verdadeira mulher”, a mãe. Assim, a maternidade é algo que dá sentido social à existência das mulheres, a capacidade de procriação torna-se o próprio feminino, aprisionando, assim, os corpos, os desejos e a feminilidade. Desse modo, a reprodução ocupa papel central, pois adquire significação que ao mesmo tempo esmaga e exalta o feminino.

Mesmo a personagem tendo inúmeras razões para não ser mãe, explora a dificuldade de manter tal decisão ao longo do tempo, sobretudo em função das mudanças e dos desafios que ocorrem durante a vida. Laura, quando tinha trinta e três anos, passou a se encantar pelas crianças e pelas mulheres grávidas e começou a pensar em engravidar. Como sabia que era muito simples cruzar o limiar da maternidade, decidiu, sem consultar outras pessoas, realizar o procedimento de laqueadura, que a impedia de tornar-se mãe e a protegia da pressão social.

Por sua vez, Alina, melhor amiga de Laura, teve um destino distinto. Ao longo da amizade entre elas, compartilhou inicialmente com Laura o posicionamento de que não seria mãe. Entretanto, depois de um tempo começou a se organizar para engravidar. Alina, passou a sonhar com a gravidez após despertar para esse desejo, mediante a análise de seus sentimentos e emoções: “Durante anos, tive medo de repetir os erros que minha mãe cometeu com minha irmã e comigo. Precisei desativar esse medo para conseguir ver que realmente quero formar uma família. Quero ter essa experiência, Laura. Sonho com isso” (Nettel, 2022, p. 24).

Por meio de sua mudança de opinião, a personagem ilustra como a escolha pela maternidade ou não maternidade é um processo gradual e complexo, intrinsecamente entrelaçado com a trajetória repleta de reflexões pessoais. Desse modo, ela também desafia a concepção amplamente difundida de que o anseio pela maternidade é inerente às mulheres desde o nascimento, evidenciando que tal predisposição é moldada por fatores multifacetados, como experiências individuais e contextos raciais, econômicos, sociais e culturais.

Ao subverter a ideia de que a maternidade é algo natural e universal, Alina se mostra como uma mulher liberada, conforme a definição de Xavier (2021), lançando luz sobre a capacidade das mulheres inseridas em variáveis de vida semelhantes às suas de forjar seus próprios destinos reprodutivos, deliberando de maneira consciente sobre o papel da maternidade em sua vida. Sua narrativa ressoa como uma busca pela autenticidade, ao rejeitar o estigma associado a uma suposta natureza materna inata e ao enfatizar a importância de uma autonomia na tomada de decisões reprodutivas.

A chegada da gravidez marcou um ponto de virada na vida de Alina, direcionando todas as suas atenções para o acolhimento do bebê. Essa transformação se manifestou de maneira abrangente, desde as alterações em sua dieta e a incorporação de suplementos específicos até a preparação do apartamento para receber um novo ocupante, frequentes consultas médicas e uma série de exames clínicos. Ao longo das semanas, desdobramentos dolorosos começaram a se desvelar, culminando na revelação angustiante de que o cérebro de sua filha, Inês, não havia se desenvolvido adequadamente, o que sinalizava a inviabilidade de sobrevivência após o nascimento:

— Alina, nós nos conhecemos há muitos anos. Você sabe que eu gosto de vocês. Especialmente de você. Por isso é tão difícil para mim dar esta notícia: seu bebê não vai sobreviver. Prefiro ser muito claro e não te dar falsas esperanças.

Alina virou-se para Aurelio e viu que ele estava completamente lívido.

— Seu cérebro não se desenvolveu — continuou o médico. — Está bem abaixo da faixa de crescimento. As circunvoluções não se formaram, como a médica temia. Já deviam estar lá.

Dessa vez, Alina protestou:

— Mas Inês está viva, bem viva. Agora mesmo eu sinto como ela se mexe dentro de mim.

— Você é que a mantém assim, mas o cérebro dela não é capaz de garantir sua autonomia. Ela morrerá quando separarmos vocês duas (Nettel, 2022, p. 52).

Após esta descoberta, Alina vivenciou o restante de sua gestação com o sofrimento do luto e se organizou para acompanhar todos os momentos de sua filha após o nascimento.

Decidiu que não seria sedada durante o parto, pois queria ver, nem que fosse durante alguns segundos, sua filha Inês viva. Além disso, também se ocupou dos trâmites referentes ao sepultamento de Inês.

Porém, mesmo tendo consultado os médicos mais renomados, o desenrolar dos acontecimentos desafiou as previsões feitas e resultou na sobrevivência inesperada de Inês. Essa reviravolta abrupta lançou Alina em uma jornada não antecipada de maternidade, visto que o período gestacional não havia funcionado como uma preparação adequada para tal papel transformador. Além disso, Alina foi tomada por uma avalanche de apreensões relativas ao futuro de sua filha, uma vez que a sobrevivência e o desenvolvimento de Inês permaneciam envoltos de incerteza, como sugere o excerto a seguir.

Para Alina, a mensagem da reunião era muito clara: Inês ia viver, e nem ela nem os médicos podiam impedi-la. A imagem que lhe veio à cabeça naquele momento foi a de uma adolescente imóvel, de quem Alina teria de trocar os absorventes todo mês, sempre que ela menstruasse.

— Quanto tempo ela vai viver? — perguntou.

— Não sabemos. Duas semanas, talvez, ou quem sabe alguns meses, com sorte alguns anos. A única coisa certa é que não morrerá nas próximas horas. Vocês podem ir para casa com ela esta tarde e retomar sua vida. — [...] Nenhuma mulher que volta para casa depois de dar à luz o primeiro filho retoma sua vida anterior, muito menos nessas circunstâncias. A maternidade muda a existência para sempre (Nettel, 2022, p.96).

A notícia de que a filha iria sobreviver não significou, a princípio, um momento de comemoração para Alina, fato que indica a subversão da ideia de uma mãe idealizada que seria, em qualquer situação, inundada por um amor incondicional que se traduziria por felicidade e realização. Porém, Alina revela que os sentimentos maternos podem ser ambíguos, em que medos, frustrações e culpas também se fazem presentes. Esta mãe desafia a narrativa tradicional do amor materno como algo puro e descomplicado, reconhecendo sua humanidade e as nuances emocionais que a acompanham. Em alguns momentos, sobretudo naqueles sob forte sentimento de angústia, Alina pensa que a partida da filha poderia significar um bom caminho:

Se antes tinha dito a ela que gostaria de conhecê-la, agora lhe pedia mentalmente — como se ela ainda estivesse em seu ventre, e não numa incubadora a dois andares de distância — para ir embora: “*Vá embora, Inês. Você não tem nada para fazer aqui. Vá logo! Se você ficar, nem você nem eu teremos uma vida*”.

Quando sentiu que não aguentava mais, pegou o telefone para pedir um sonífero. Foi trazido a ela, e depois de esperar mais de uma hora para que fizesse efeito, ela adormeceu (Nettel, 2022, p.98).

O retorno para casa com a filha nos braços gerou mudanças inimagináveis por Alina. Durante a licença maternidade, a personagem se dedicou aos cuidados de Inês enquanto era invadida pela insegurança quanto ao que fazer no dia-a-dia para que a filha ficasse bem, e também quanto ao futuro, pois se perguntava sobre o modo que Inês iria ser percebida nos lugares públicos. Com o fim da licença e a iminente necessidade financeira e pessoal de retornar ao trabalho, Alina continuou insegura, se questionando a todo momento qual o caminho seria o mais prudente, trabalhar em casa e se dividir o tempo todo entre as demandas de Inês e as do trabalho ou ir trabalhar no escritório e contratar uma babá.

Diante dos vários questionamentos que a experiência da maternidade apresenta, particularmente diante das circunstâncias peculiares de Inês, Alina se engajou na construção da sua própria história como mãe. Nesse percurso, ela se firmou como uma mãe liberada, que não hesitou em se entregar à reflexão e à tomada de decisões, ao mesmo tempo em que enfrentou os desafios emocionais e revisitou suas próprias convicções, sempre na busca por preservar sua autonomia.

Assim como Alina, Doris, a terceira protagonista da produção de Nettel, também se constitui como mãe de uma forma liberada, mediante o enfrentamento de situações inesperadas ao longo de sua história. O marido de Doris faleceu num acidente automobilístico, deixando-a encarregada da difícil missão de cuidar e educar Nicolás, o filho do casal. Devido ao histórico de violências enquanto o pai ainda era vivo, Nicolás acabara reproduzindo os comportamentos agressivos que presenciava, o que dificultava a sua relação com Dóris:

— De onde Nicolás tira todas essas grosserias? — perguntei-lhe. — Você não fala assim.

— Do pai dele.

Ela me contou que certa época seu marido tinha tido inúmeros episódios de violência. Nicolás viveu isso quando era bebê e agora os repetia com as mesmas palavras.

— Cada vez que fica assim, é como se seu pai revivesse.

Dóris carregava consigo o peso de uma vida marcada por inúmeros momentos difíceis e desafiadores. Desde a violência contínua perpetrada pelo marido, que lançava sombras de medo e angústia sobre seus dias, até a morte trágica desse mesmo homem, cuja ausência trouxe tanto alívio quanto uma sensação de vazio insondável. Para ela, a imprevisibilidade da vida era um constante espectro, uma presença que a assombrava e a preocupava a todo momento:

— Muita coisa mudou desde então, sabe? Além da dor da perda, tenho medo de tudo. É como se nosso mundo tivesse entrado em colapso. É por isso que nos mudamos para cá. Sinto-me mais segura num prédio do que sozinha numa casa. A cidade está cheia de gente perigosa. É verdade que quase nunca saímos, mas acho melhor não me forçar a isso. Acho que um dia vou me sentir melhor. Não sei (Nettel, 2022, p.58).

A personagem enfrentava diariamente a difícil tarefa de equilibrar a proteção e o cuidado de seu filho com a necessidade de encontrar sua própria paz e realização pessoal em meio às cicatrizes do passado e às incertezas do futuro. Percebe-se, assim, que Dóris, bem como Alina, vivenciava a ambiguidade de sentimentos ligados à maternidade, pois, embora trouxesse consigo o amor por seu filho, era também envolta em tristeza e exaustão, como sugere o excerto a seguir:

Ontem o menino que mora no apartamento ao lado novamente ultrapassou os limites da convivência. Por volta das cinco da tarde, ele teve um acesso de raiva durante o qual bateu em paredes e portas. Objetos de diferentes pesos colidiram contra as paredes daquela casa, enquanto sua mãe tentava chama-lo à razão com o mesmo resultado de sempre, até que algo acabou quebrando o vidro da janela que separa a cozinha da área de serviço. Então, pela primeira vez desde que se mudaram, a vizinha abandonou sua apatia usual e começou a gritar tão alto quanto ele.

— Estou cheia de você! — escutei-a dizer a ele. — Não te suporto mais! (Nettel, 2022, p. 38).

Em certo momento, ela adoeceu e decidiu buscar ajuda da família para lidar com todos os conflitos gerados pelo luto do marido e pelas frequentes brigas com o filho:

— Vou mandar Nicolás para Morelia em breve, para ficar com minha irmã — disse-me. — Ela não pode recebê-lo agora porque vai viajar. Você poderia levá-lo até a rodoviária? Tenho medo de ir até lá.

[...]

— Claro que eu o acompanho — disse para tranquilizá-la. — Enquanto isso, posso te ajudar com ele até que sua irmã volte?

— Você me faria um grande favor. Ele tem estado tranquilo nestes últimos dias, talvez porque quase não nos falamos. Também não fiz nada para ele comer. Vai que ele deteste o que eu cozinhe. Isso consome toda a minha energia. É como se ele precisasse sugar minha força vital para poder crescer. Sei que o amo com todas as forças, que nada me importa mais no mundo, mas há dias não consigo lembrar como se sente esse amor. A única coisa que sinto é que estou farta da sua fúria e de suas grosserias constantes. Às vezes, digo a mim mesma que teria sido melhor não tê-lo. É horrível, você não acha? Mães normais não pensam esse tipo de coisa, não é?

[...]

Como não compreender Doris? Nicolás era seu filho e ela o adorava, mas ele também era a recordação de seu marido opressor. O bastardo estava morto, e de certa forma ela tivera sorte, mas sua violência continuava a assombrá-la através do menino (Nettel, 2022, p. 130-131).

Frente às dificuldades enfrentadas quanto à relação e aos cuidados de seu filho, Doris toma uma decisão socialmente ainda inesperada. A personagem entende que a responsabilidade

dos cuidados não é algo exclusivo da mãe, tampouco é uma tarefa que ela deveria realizar sozinha. Opta assim, por buscar auxílio junto à família e à amiga Laura. Nesse momento, Doris se apresenta como uma mulher liberada e alinha-se com a ideia de que a maternidade e os cuidados com os filhos não devem ser compreendidos como a definição da feminilidade. Além disso, essa atitude demonstra uma compreensão de que as formas como são realizados os cuidados maternos não são universais, podendo variar para cada mãe, a depender dos contextos sociais, históricos e também da individualidade e das preferências da mulher.

Alina e Doris buscam auxílios para a criação dos filhos. Enquanto a primeira contrata uma babá, pois não quer deixar de lado o desenvolvimento e a realização profissional, Doris precisou contar com a ajuda da família e da amiga Laura, pois os conflitos com o filho estavam adoecendo-a. As decisões tomadas pelas duas personagens apontam para o questionamento do pressuposto de que a maternidade é sinônimo de uma postura altruísta, de dedicação extrema, em que se abre mão de todos os desejos, sonhos e vontades em benefício do filho, remetendo ao mito do amor materno.

Segundo Badinter (1985), o instinto materno é, na verdade, um mito, e questiona a ideia tradicional de que todas as mulheres nascem com uma predisposição inata para o amor materno. Essa perspectiva desafia a noção de um determinismo natural, sugerindo que o amor materno não é o mesmo aplicável para todas, mas sim um elemento adicional moldado pela individualidade da mãe e pelas influências históricas.

Nesse sentido, o amor materno é um sentimento que pode existir ou não, manifestar-se de maneira forte ou frágil, e variar na relação com cada filho específico. A dependência da mãe, sua história pessoal e as complexidades da História em si desempenham papéis fundamentais nessa dinâmica, desafiando a ideia de uma lei universal sobre o amor materno. Em vez de ser uma característica inerente às mulheres, o amor materno emerge como uma construção social, sujeita a diversas influências e modulações, destacando a importância de considerar a individualidade e as experiências pessoais das mulheres ao abordar a complexidade desse mito culturalmente arraigado.

As decisões tomadas por Laura, Alina e Doris podem ser consideradas posições liberadas, conforme a tipologia elaborada por Xavier (2021), pois perpassam uma abertura ao desconhecido, ao imprevisível e ao questionável. Xavier (2021) indica que os corpos liberados remetem à presença, na contemporaneidade, de identidades cambiantes e transitórias que, segundo ela, remetem à ideia de modernidade líquida, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

Para Bauman, é preciso romper com os vínculos sociais da modernidade sólida para que se possa alcançar a liberdade. Esse rompimento e a busca por liberdade é o que se encontra nas histórias das três mulheres de *A Filha Única*, que construíram diferentes formas de ser mulher. A liquidez, embora desconfortável, é o modo que os sujeitos precisam viver até que novas convicções, hábitos e valores sejam estabelecidos, mas não no sentido de se tornarem rígidos, mas de sempre permitir esse movimento que indica a construção de novas possibilidades e identidades (Bauman, 2001).

Ao se considerar a importância do movimento, tem-se também a ideia de identidades nômades (Swain, 2007), que compreende a transformação e a crítica que desfaz as polaridades e as hierarquias. Segundo Swain (2007), num mundo marcado pelas representações sociais que definem os seres a partir do corpo sexuado e das práticas性uais, valorizar os movimentos das identidades em construção, que cambiam, contribuem para mudanças que abalam os mecanismos mentais e discursivos que colaboraram para as invenções que assujeitam os seres, tais como a invenção do corpo feminino, do corpo materno. É este movimento, a construção contínua de novas possibilidades, o inquietamento, a liquidez e o questionamento das imposições sociais que caracterizam e representam Laura, Alina e Doris. Três personagens, três mulheres, três histórias, três corpos liberados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por oferecer uma visão profunda e sensível sobre os desafios das mulheres na contemporaneidade, sobretudo quanto à imposição social relacionada à maternidade, Guadalupe Nettel traz para a narrativa atual uma questão fundamental não apenas na literatura, mas na sociedade contemporânea. Laura, Alina e Doris, as três personagens que protagonizam esse enredo, representam uma parcela de muitas mulheres, principalmente dentro do grupo de camadas sociais médias e altas, que buscam construir suas trajetórias pautadas na liberdade de escolha, ainda que estas escolhas representem consequências que também trarão alterações profundas em suas vidas.

No romance analisado, a liberdade das personagens se evidencia na forma com elas se posicionam frente à decisão de terem ou não filhos e na forma como elas vivenciam a maternidade. As três enfrentam as imposições sociais e se dedicam ao processo de autoconhecimento, pautando suas decisões na reflexão e análise dos fatos, tendo como perspectiva a garantia da própria autonomia e independência.

Nos dias atuais, há a compreensão de que a maternidade não é um fato natural, universal e nem atemporal, ela é resultado da cultura e, por isso, está em constante movimento influenciada pelas transformações sociais. É nesse cenário que as personagens do romance de Nettel se inserem, construindo suas narrativas: Laura considera a maternidade um erro que priva as mulheres de realizações pessoais e, por esse motivo, opta por uma cirurgia esterilizadora, enquanto Alina, inicialmente sem um desejo de ser mãe, acaba por escolher esse papel com o passar do tempo, enfrentando uma trajetória repleta de desafios, angústias e decisões que desafiam o ideal da maternidade. Por sua vez, Doris também mãe e experimenta a ambivalência do amor materno, é confrontada com os conflitos com o filho Nicolás e com as dores causadas pela morte do marido, adoece e busca apoio junto à amiga Laura e aos familiares para cuidar do filho.

Desse modo, Laura, Alina e Doris não negam a importância da maternidade, pelo contrário, elas sinalizam para o importante lugar que ela representa para muitas mulheres. As personagens enfrentam a imposição de que há para as mulheres apenas um destino e uma única forma de maternidade, alertando que direcionar as mulheres para um único lugar elimina a possibilidade de que elas construam suas narrativas investindo nos caminhos que elas desejarem.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 293 p.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito:** a mulher e a mãe. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 224 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 936 p.

BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis?. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 427-446, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300003&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt. Acesso em: 11 ago. 2023.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade:** uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 465 p.

FEDERICI, Silvia. **O Patriarcado do salário:** notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021. 204 p.

FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista:** uma trajetória. Florianópolis: Insular, 2016. 432 p. (Estudos Culturais).

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

LEAL, Deniele Fontoura da Silva; ZANELLO, Valeska. O não desejo de maternidade: um fenômeno crescente, mas ainda pouco pesquisado no brasil. In: SILVA, Edlene Oliveira; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Gênero, subjetivação e perspectivas feministas.** Brasília: Technopolitik, 2019. Cap. 8. p. 210-243.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Claudia Maria de Mattos. Reprodução feminina e saúde sob os olhares de mulheres sem filho. **Revista Mineira de Enfermagem**,

Belo Horizonte, v. 20, 2016. Disponível em:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-835279>. Acesso em: 06 abr. 2024.

MANSUR, Luci Helena Baraldo. **Sem filhos:** a mulher singular no plural. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 167 p.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolin de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>. Acesso em: 02 ago, 2023.

NETTEL, Guadalupe. **A filha única**. São Paulo: Todavia, 2022. 216 p.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SMEHA, Luciane Najar; CALVANO, Lize. O que completa uma mulher? um estudo sobre a relação entre a não maternidade e vida profissional. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 58, p. 207-217, jul.-set. 2009. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19849>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SWAIN, Tania Navarro. Meu corpo é um útero? reflexões sobre a procriação e a maternidade. In: STEVENS, Cristina. **Maternidade e Feminismo:** diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. p. 203-247.

XAVIER, Elôdia. **Que corpo é esse?** o corpo no imaginário feminino. 2. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. 108 p.

ZOLIN, Lúcia Osana. Pós-colonialismo, feminismo e construção de identidades na ficção brasileira contemporânea escrita por mulheres. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [S.L.], v. 14, n. 21, p. 51-70, 2012. Disponível em:
<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/288/292>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Recebido em: Fev. 2024.
Aceito em: Abr. 2024.